

Área Temática 27:

Semântica e Pragmática

A posição dos adjetivos no sintagma nominal: uma abordagem na interface sintaxe-semântica

Autores: Tatiane Sudré ¹

Instituição: ¹ UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo: No português brasileiro a ordem canônica é núcleo-modificador (1). Contudo, alguns adjetivos tanto aparecem nessa ordem quanto na inversa (2). (1) a rede ferroviária / *a ferroviária rede (2) o funcionário alto / o alto funcionário. A partir do estudo de um corpus de fala carioca, formulou-se a hipótese de que os adjetivos que aparecem dos dois lados do núcleo do SN são de grau relativo (Quadros-Gomes & Sudré 2014). Segundo a literatura (Kennedy e McNally 2005), adjetivos de grau são aqueles que podem ser intensificados e podem entrar em estrutura de comparação. Os adjetivos de grau (AGs) se distinguem dos sem grau na semântica e na sintaxe. Em relação à sintaxe, somente eles projetam uma camada funcional sobre a lexical (cf. Abney, 1987; Corver, 1997), e, ao projetar esta camada, abrem espaço para a inserção de um intensificador ('muito' etc.). Para Cinque (2010), todos os adjetivos são projeções funcionais, com lugar determinado na configuração sintática. O autor trata da ordem relativa dos adjetivos e propõe duas configurações distintas: de Modificação Direta e de Modificação Indireta. Em relação à semântica, os adjetivos de grau estabelecem uma comparação implícita, isto é, relacionam o grau de seu argumento ao grau de outros elementos. Assim sendo, formulou-se a hipótese de que apenas os adjetivos de grau relativo poderão ocupar tanto a posição pré-nominal quando a pós-nominal. Essa hipótese foi verificada por meio de um estudo variacionista, feito com metodologia Laboviana e tratado quantitativamente por meio do programa R. O tratamento no Programa R mostrou que o fenômeno da posição do adjetivo não é uma regra canônica e não variável. Dessa forma, a análise de dados realizada mostrou que a hipótese defendida se sustenta e uma abordagem na interseção sintaxe-semântica é a mais promissora para o fenômeno.

Palavras-chave: adjetivo de grau relativo, sintaxe, semântica

A teoria dos atos de fala em charges políticas

Autores: Gabriela Caroline Raudenkolb da Costa ¹, Geovana Dias da Silva ¹, Ana Paula Martins Alves ¹

Instituição: ¹ UFRA - Universidade Federal Rural da Amazônia

Resumo: Atualmente, o Brasil tem vivenciado um cenário político de muita agitação, fato que tem motivado a criação de uma diversidade de charges políticas envolvendo a então presidenta Dilma Rousseff e o vice-presidente Michel Temer. Assim, tendo em vista uma investigação dos fatores linguístico-semântico-pragmáticos voltados para a leitura do texto, este trabalho tem como objetivo analisar os atos de fala manifestos nos diálogos encontrados em charges políticas. Segundo a Teoria dos Atos de Fala, desenvolvida por Searle (1969) e Austin (1965), os enunciados são ações humanas realizadas por meio da linguagem, em que os atos realizados pelos falantes, por intermédio da língua, realizam efeitos comunicativos em relação a seus interlocutores. Para os autores, os atos de fala podem ser locucionários, ilocucionários ou perlocucionários, em que os primeiros são aqueles definidos como o simples ato de fazer uma enunciação, ou seja, ato de fala produzido segundo as convenções de uma língua natural em todos os seus níveis: fonológico, sintático e semântico; os segundos correspondem às ações que os falantes pretendem realizar quando produzem os enunciados, ações como pedir, prometer, exigir e outros; por fim, os terceiros são aqueles destinados a exercer certos efeitos sobre o interlocutor, isto é, diz respeito à forma como o interlocutor recebe o enunciado de outrem (CABRAL, 2010). Para os propósitos dessa pesquisa, analisamos os atos de fala presentes em cinco charges políticas que abordam a relação política entre presidenta e vice-presidente da república, no contexto atual. A análise dos dados revelou um jogo linguístico dinâmico marcado por intencionalidades ou segundas intenções de ironia, falsas promessas, ridicularização, dentre outros.

Palavras-chave: texto multimodal, cenário político, pragmática

Análise da polidez e das estratégias de preservação de face na carta de Michel Temer à Dilma Rousseff

Autores: Elionay Mota Santos ¹, Flavianne Santos Serrão ¹, Diemerson da Silva Ribeiro ¹, Marílio Salgado Nogueira ¹

Instituição: ¹ UFRA - Universidade Federal Rural da Amazônia

Resumo: Fundamentado na perspectiva pragmática da Teoria da Polidez e Preservação de Face, este trabalho tem por objetivo analisar as estratégias linguísticas utilizadas por Michel Temer, na ocasião vice-presidente da república, na tessitura da carta pessoal escrita à, então, presidente da república Dilma Rousseff. Segundo Brown e Levinson (1987), na interação verbal, os interlocutores possuem duas faces, sendo uma positiva e outra negativa. A primeira, a face positiva, refere-se ao amor próprio, a valorização do Eu, em que o sujeito faz de tudo para ser aprovado pela sociedade. Já a segunda, a face negativa, está relacionada à sua liberdade de ação, ao nosso corpo, à intimidade, àquilo que o falante não quer mostrar ao seu interlocutor. Segundo os autores supracitados, para preservar a própria face, o interlocutor recorre a certas estratégias linguísticas de polidez, pensando sempre na melhor alternativa, para alcançar o fim esperado. Desse modo, tendo sido elaborada durante um momento de conflito político no País e em meio ao processo de Impeachment da presidente supracitada, a carta analisada apresenta um nítido jogo de preservação de face. Um texto marcado de informações implícitas em que se manifestam estratégias de auto envolvimento, polidez negativa, polidez positiva, polidez indireta, além da presença de marcadores de rejeição.

Palavras-chave: preservação de face, estratégias de polidez, carta pessoal

Categorização verbal: avaliando empiricamente a categorização aristotélica

Autores: Jéssica Cassemiro Muniz dos Santos ¹

Instituição: ¹ UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo: Os estudos cognitivistas em semântica lexical se baseiam hoje em dois pilares: o viés polissêmico e o questionamento da definibilidade clássica (ou da categorização aristotélica). A linguística cognitiva conta com uma sólida tradição de trabalhos que enfatizam o fenômeno da polissemia (LAKOFF, 1987; TYLER; EVANS, 2001; 2003 e SILVA, 2006, dentre muitos outros). Entretanto, pouquíssimos estudos se dedicam empiricamente ao questionamento da definibilidade clássica. Diante dessa lacuna, este trabalho objetiva verificar empiricamente a validade do ideal de definibilidade clássica. Para isso, investigamos a semântica de três verbos do português brasileiro que expressam os chamados “eventos de separação” (MAJID et alii, 2007): “cortar”, “quebrar” e “rasgar”. Como ferramenta metodológica, utilizamos o instrumento desenvolvido pelo Instituto Max Planck de Psicolinguística (Nijmegen, Holanda): um conjunto de 61 vídeos curtos nos quais são encenados eventos de separação, isto é, cenas em que ocorre a separação de objetos ou partes de um objeto – por exemplo, cortar uma cenoura, rasgar um tecido ou quebrar um prato. O experimento realizado consistiu em solicitar que 49 falantes nativos do português brasileiro descrevessem oralmente as cenas a que assistiram nos vídeos. A previsão era a de que não seria encontrado um conjunto de propriedades semânticas que fossem, ao mesmo tempo, necessárias e suficientes para definir cada uma das três categorias verbais. De maneira geral, os resultados obtidos ofereceram confirmação empírica para a rejeição às categorias aristotélicas na língua. Por outro lado, o estudo sugere que categorias lexicais com estruturação clássica não são inexistentes, embora pareçam ser bastante restritas. Vale destacar que tais resultados se aproximam dos resultados obtidos por Geeraerts (2006) em seu estudo sobre peças de vestuário no holandês.

Palavras-chave: Aristóteles, categorias verbais, linguística cognitiva, semântica lexical

Desatando a ambiguidade de 'todo' + adjetivo de grau

Autores: Lais Katarine dos Santos de Oliveira ¹

Instituição: ¹ UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo: Sentenças com ‘todo’ mais adjetivo de grau (KENNEDY & MCNALLY 2005) admitem duas interpretações: (1) O carro está todo sujo. a. intensificacional = completamente/muito sujo. b. quantificacional = cada porção da área do carro está suja. Assumindo Lunguinho, Quadros-Gomes & Vicente (2015), ‘todo’ é um único operador que gera tanto leituras quantificacionais quanto intensificacionais, e está no Degree Phrase (DegP, uma projeção funcional) em estruturas distintas em cada uma das leituras

de (1). 'Todo' distributivo admite outras posições e promove a interpretação quantificacional ('Todo o carro está sujo'). Não ocorre ambiguidade com adjetivo sem grau ('A casa é toda azul'). Por 'todo' não ser ambíguo com qualquer adjetivo, é possível que algum tipo de adjetivo favoreça a leitura intensificacional. Este estudo, orientado por Ana Quadros-Gomes e seguindo a semântica de Kennedy & McNally (2005), investiga se um tipo particular de escala favorece ou não a leitura intensificacional nas construções com 'todo' + adjetivo. Hipotetizamos que adjetivos de grau mínimo favoreceram a leitura intensificacional, caso o que foi visto sobre o inglês for aplicável ao modificador do português brasileiro (PB). Para verificar isso, elaboramos um experimento semântico *offline* com 'todo' + adjetivo, com vários tipos de AG e um sem grau como controle. Para cada sentença, o colaborador deveria escolher, entre duas opções, a figura que melhor a traduz. Uma figura conduz à interpretação quantificacional e outra, à intensificacional. Os colaboradores são 45 alunos do 8º ano do Colégio Pedro II, que assinaram consentimento. Os resultados apontaram a leitura quantificacional como a de maior preferência (69%), independentemente do tipo de escala. Porém, só com os de AGs de grau mínimo houve preferência majoritária pela leitura intensificacional (em 2 itens), o que distingue esse tipo de adjetivo dos demais e confirma a nossa hipótese de haver influência do tipo de escala.

Palavras-chave: semântica formal, modificadores, ambiguidade

Qual é a graça? O humor do Porta dos Fundos analisado pelas máximas de Grice

Autores: Angélica Lima Dutra ¹

Instituição: ¹ UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo: O objetivo de nosso pôster é trazer uma análise do humor à luz da Teoria das Implicaturas de Grice (1989). As Máximas conversacionais de Grice são o conjunto de regras que devem conduzir o ato conversacional, e que concretizam o Princípio da Cooperação. Essas regras descrevem os raciocínios que os interlocutores fazem para interpretar os enunciados, e que, quando negligenciadas ou violadas, corre-se o risco de se perder a eficácia da comunicação. Utilizando as Máximas Conversacionais, partimos da hipótese de que para a obtenção do efeito humorístico é necessário passar pela violação do Princípio da Cooperação. Pretendemos mostrar que o modo como entendemos uma piada, ou o modo como interpretamos um enunciado de uma maneira ou de outra, além de depender de conhecimento de mundo, está diretamente ligado ao cálculo mental que usamos para alcançar sua interpretação, ou seja, recorremos às Implicaturas Conversacionais. Os dados de nossa pesquisa são diálogos transcritos dos vídeos humorísticos do Canal Porta dos Fundos, que tem por características fazer humor a partir de cenas do cotidiano com uma subversão do comum. Como conteúdo, analisamos a quebra das Máximas Conversacionais nos diálogos de três vídeos, e fazemos uma reflexão a partir do pressuposto de que a obtenção do efeito humorístico passa necessariamente pela violação do Princípio da Cooperação e, por conseguinte das Máximas. Os resultados demonstram que o desenvolvimento do humor nos diálogos extraídos dos vídeos se dá a partir do encadeamento dos implícitos registrados na fala dos personagens, resultantes da relação entre o dito (posto) e o não dito (implicado).

Palavras-chave: pragmática, teoria das implicaturas, vídeos humorísticos

Relação entre inferências e conhecimento metalinguístico

Autores: Giliandra Aparecida da Cruz Weisshaar ¹

Instituição: ¹ UTFPR - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Resumo: O objetivo deste trabalho é descrever alguns recursos semântico-pragmáticos mobilizados na interpretação de textos no Facebook, a partir de postagens feitas em páginas especializadas em "dicas de português". Como a proposta dessas páginas é passar "dicas" sobre o uso das normas para escrita da língua, nossa hipótese é de que mobilizem os conhecimentos epilinguísticos e metalinguísticos do usuário, exigindo-lhes, também, uma capacidade de interpretação de inferências. Para esta pesquisa, a descrição semântico-pragmática será apoiada nos trabalhos de Cançado (2012) e Pires de Oliveira e Basso (2014). Do ponto de vista da tecnologia, justificamos nossa análise de duas maneiras: primeiro, pela proposta de Aurox (2014) e Romero (2011), autores que defendem a escrita como uma revolução tecnológica da linguagem, a qual permitiu o surgimento da ciência da linguagem e, por consequência, a mobilização do conhecimento metalinguístico; depois, na afirmação de que a tecnologia é responsável por transformações sociais radicais na história humana, tanto na produção como na difusão de produtos e conhecimentos (LEMON, 2015; XAVIER, 2013 entre outros). Nesse sentido, a relação entre as postagens e comentários feitos sobre elas será fundamental para a descrição que aqui se pretende realizar. Por consequência, os

resultados esperados visam levantar hipóteses tanto sobre o uso de conhecimentos epilinguísticos e metalinguísticos no espaço online, quanto sobre fenômenos linguísticos mobilizados nesses contextos.

Palavras-chave: inferência, metalinguagem, tecnologia

Serão os redutores do PB iguais aos do inglês?

Autores: Juliana dos Santos Delduque¹

Instituição: ¹ UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo: Este trabalho de Iniciação Científica é orientado pela Professora Doutora Ana Paula Quadros Gomes. Nosso objetivo neste trabalho é descrever e analisar o comportamento dos redutores do Português do Brasil. Observamos um corpus constituído de ocorrências encontradas nos sites do Jornal do Brasil, O Globo e Extra, no período de 2010 a 2016. Utilizamos a Semântica de Graus como teoria e aplicamos os testes para verificar se o adjetivo modificado era de grau e, se sim, qual o tipo de escala; quantificamos as ocorrências para descobrir regularidades e desenvolvemos paráfrases das sentenças, como primeira aproximação para o significado dos sintagmas de grau modificados. Adjetivos de grau apresentam escalas diferentes (aberta; parcialmente fechada; fechada) (KENNEDY & McNALLY 2005). Em inglês, os redutores são especializados em adjetivos de certo tipo de escala. Kennedy & McNally (2005) defendem que os redutores selecionam as pontas abertas de escalas fechadas. Bogal Allbritten (2012) afirma que os redutores também selecionam escalas abertas, com custo de processamento. Observamos que o PB não é como o inglês: os redutores do PB não selecionam os adjetivos com que se combinam, e, portanto, 'pouco' e 'um pouco' não excluem nenhum tipo de escala; porém, eles formam sempre uma escala aberta com qualquer tipo de adjetivo de grau. Observamos também que ambos selecionam os mesmos tipos de adjetivos e aferimos que os significados produzidos pela modificação são diferentes: "João é pouco alto" é interpretado de maneira diferente de "João é alto", pois 'pouco' exige que o grau de altura de João seja menor que o ideal do falante; "Maria é um pouco inteligente" possui interpretação diferente de "Maria é inteligente", pois 'um pouco' demonstra que Maria não tem o grau de inteligência esperado pelo falante.

Palavras-chave: adjetivos de grau, redutores de grau, semântica de grau

"She answered quick" - Propriedades discursivo-pragmáticas da construção de adjetivo adverbial do inglês norte-americano

Autores: Maria Clara Pimenta Camelo dos Santos¹

Instituição: ¹ UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo: Em Virgínio (a sair), sustenta-se que o português brasileiro (PB) apresenta pelo menos duas construções distintas de modificação verbal: a Construção de Advérbio Canônico (CAC; por exemplo, João comeu rapidamente), e a Construção de Adjetivo Adverbial (CAA; por exemplo, João comeu rápido). No mesmo estudo, o autor demonstra a existência de uma diferença discursivo-pragmática entre os dois padrões; especificamente, argumenta-se que a CAA, mas não a CAC, exige que o modificador verbal seja o elemento mais informativo (foco primário) do enunciado. Neste trabalho, que se alinha à Gramática de Construções Baseada no Uso (GOLDBERG, 2006; 2013; BYBEE, 2010; 2013), buscamos verificar se essa mesma restrição atua no sentido de reduzir a produtividade da CAA do inglês norte-americano (evidenciada em usos como *answer quick* e *speak slow*, por exemplo). Para isso, foi desenvolvido um experimento off-line de julgamento de aceitabilidade. No experimento, que envolveu 28 falantes nativos do inglês norte-americano, os sujeitos foram divididos nos grupos experimental e controle. No primeiro, a tarefa experimental consiste em julgar sentenças com adjetivos adverbiais (AAs) em quatro condições, baseadas em uma combinação de frequência (nula versus alta) e foco (primário versus não-primário). No segundo, altera-se apenas o conjunto de estímulos, que passam a ser sentenças com advérbios canônicos. Os resultados demonstram que existe diferença significativa na aceitabilidade de enunciados contendo AAs nas condições de foco primário e não-primário ($p = 0.003$), fornecendo evidências em favor da nossa hipótese de que a CAC do inglês norte-americano também é sensível a fatores discursivo-pragmáticos. Entretanto, diferentemente do PB, aqui também se verificou diferença significativa entre foco primário e não-primário com advérbios canônicos ($p = 0.037$). Por fim, a pesquisa revelou que não há uma interação significativa entre foco e frequência ($p = 0.792$), o que caracteriza mais uma diferença em relação ao PB.

Palavras-chave: construção com adjetivo adverbial, gramática de construções baseada no uso, inglês norte-americano, semiprodutividade construcional

Uma proposta de análise semântica para o modificador de grau 'inteiramente'

Autores: Isadora Aparecida Santos Pinheiro ¹

Instituição: ¹ UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo: Este estudo de Iniciação Científica, orientado por Ana Quadros Gomes, analisa o advérbio 'inteiramente' modificando adjetivos, em contos e romances publicados entre 1870 e 1962 (de Machado de Assis e de outros autores), segundo os pressupostos da Semântica Formal. Ele se insere em um projeto maior, com o objetivo de descrever a gramática do português brasileiro no nível semântico e de verificar a existência de universais semânticos entre as línguas naturais. A metodologia aplicada é um estudo de corpus e testes semânticos de interpretação e de julgamento de gramaticalidade. Na proposta de Kennedy (1999) e Kennedy & McNally (2005), adjetivos mapeiam entidades a graus em escalas, que são estruturas abstratas correspondendo a uma propriedade. Escalas se dividem em três tipos: as abertas, as completamente fechadas e as parcialmente fechadas. Sabendo que os advérbios modificadores de graus do inglês selecionam um tipo específico de escala (KENNEDY e MCNALLY 2005), cumpria ver se esse mesmo comportamento era observado na seleção feita em PB, para saber se essa seleção era ou não universal. Observamos que o advérbio 'inteiramente' do PB modifica adjetivos sem grau e não faz seleção de um tipo específico de escala, mas faz seleção semântica. Ele seleciona adjetivos cuja propriedade se aplique às partes do argumento, produzindo distribuição pelas partes. Nessa leitura, 'inteiramente' é o contrário de 'parcialmente', equivalendo a 'por inteiro' ("A viagem foi quase inteiramente silenciosa" significa que cada parte constitutiva dela foi realizada em silêncio). Na outra leitura, 'inteiramente' equivale a 'completamente' e é intensificador (em "A lua está completamente cheia", 'inteiramente' marca a completude do processo em direção à culminância do evento). O significado atribuído à leitura de 'inteiramente' acrescido de um adjetivo de grau depende do tipo de escala do adjetivo modificado. Assim, podemos prever qual será a interpretação gerada, sabendo a natureza do adjetivo.

Palavras-chave: semântica de graus, modificação de grau, inteiramente

Caderno de resumos do X Congresso Internacional da ABRALIN – Pesquisa linguística e compromisso político. / Organizadores: Anabel Medeiros de Azerêdo; Beatriz dos Santos Feres; Patrícia Ferreira Neves Ribeiro; Roberta Viegas Noronha; Silmara Dela Silva. Niterói: UFF, 2017. Disponível em: <<http://abralin.org/congresso2017/programacao-1?prog=simposios>>.